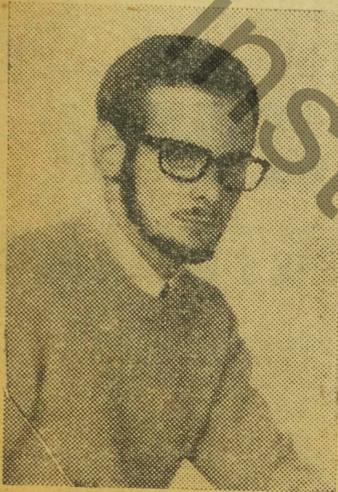


RENÉ LÚCIO, PINTOR BRASILEIRO AMA A ARTE POPULAR PORTUGUESA

René Benjamim Lúcio é um jovem pintor e gravador brasileiro que, na sua ânsia de valorização cultural e artística, re-



RENÉ LÚCIO

solveu vir a Portugal, onde tentou fazer um proveitoso estágio junto dos oleiros e ceramistas de Estremoz, Barcelos e Caldas da Rainha, para depois seguir para a Alemanha, em viagem de estudo da sua especialidade.

Tivemos o prazer de conversar com René Lúcio, que nos deu o prazer de visitar o nosso jornal e de nos confiar alguns elementos sobre a sua biografia e a sua actividade artística.

O jovem artista nasceu no Rio de Janeiro em 1946. Iniciou os seus primeiros estudos em Nova Friburgo e no Rio de Janeiro. Em 1959 ingressou no Atelier livre de pintura do M.A.A.—Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e estudou desenho e pintura com o professor Ivan Serpa. Em 1960 dedicou-se a xilogravura, sob a direcção do mesmo professor, de quem, simultaneamente, foi assistente do Curso de Arte Infantil de Pintura.

Desde criança — declarou — sempre gostei de brincar com folhagens, plantas. Por isso, sempre que podiam, meus pais levavam-me para uma pequena cidade do Estado do Rio, Nova Friburgo, perto do Rio, mas nas montanhas. Come-

cei a copiar e a desenhar o mundo que me cercava. Passando, descobria insectos, casulos, plantas exóticas, cascatas, rios... caminhos que trilhava só ou com companheiros de infância. Famos de manhã até à hora do almoço ou continuávamos depois de um lanche improvisado.

As montanhas eram a moldura natural e imponente deste mundo fantástico, rendilhado de matas e rios.

— Seus pais tinham sensibilidade artística, para compreenderem a sua vocação?

— Meus pais eram hábeis em pequenos trabalhos artísticos e realizavam-nos junto de mim, iniciando-me, naturalmente, no uso dos lápis de cor, do desenho. Mais tarde eu procurava fazer maquetas de casas, com galhos, pedras, musgos, caixas de fósforos, tudo.

Foi neste mesmo ambiente que fiz os meus primeiros estudos e o ginásio, num colégio local, tendo sempre todos os fins de semana para conviver com meus pais, na minha atmosfera querida, excursionando frequentemente em bicicleta.

— Tem frequentado alguns cursos especializados?

— Nos fins de 1960 voltei ao Rio de Janeiro e frequentei o atelier livre do Museu de Arte Moderna. O nosso professor, Ivan Serpa, ele mesmo antigo discípulo de Axel Leskoshevsky, dava-nos uma formação muito especial: desenhávamos e no fim das sessões as críticas comparáveis de serpa, eram feitas e individuais; a biografia de artistas modernos e suas obras muitas vezes nos eram referidas, como estímulo para prosseguirmos as pesquisas, os esforços no trabalho.

— E permaneceu sempre no Rio de Janeiro?

— Nas férias fui para Nova Friburgo de novo, para uma longa meditação e lá me deixei ficar uns quatro meses; pela primeira vez me separava do meu curso, do meu trabalho. Cheio de saudade, comprava papel para desenhar e quando sobrava algum dinheiro, um doce para comer durante a faina. Contemplei a vida de roça, boi, cavalo, plantação, colinas ao alto e lá em baixo, eucaliptos, capinzais. Desenhei aquilo, os rios que tanto amo, — crianças, a partir dos estranhos animais e insectos que habitam nos jardins do meu estudo. Muitas vezes conseguia reter passarinhos e peixinhos, como viveiros ou maquetas vivas.

— Qual foi o comportamento do seu mestre?

— De volta ao Rio, fui mostrar os meus desenhos ao professor. Foi o encantamento. Na aula seguinte, grande surpresa e emoção: o mestre presenteou-me com uma caixinha cor de laranja — com instrumentos holandeses para xilogravura. Tinha sido dele. E disse-me que qualquer madeirinha servia para gravar. Então, sem demora, cortei uma grande cara de palhaço triste num tampo de mesa e numa prateleira. Foi assim que comecei a trabalhar naquele ano inteiro, só em xilogravura. O meu professor incentivava a aprendizagem básica da gravação e tiragem das cópias.

— Depois...

— ...Depois mudei-me, e fi-

quei conhecendo mais recantos bonitos do Rio, por exemplo, a Gávea, onde, numa casa enorme, limpa, educada e vegetariana, rodeada de grandes pedras e grutas, trabalhava e via plantas, lagartos, animaizinhos. A Gávea é um bairro na zona sul do Rio, com ruas que sobem pelas montanhas lindas e preciosas. Foi por lá que comecei a desenhar crocodilos e dragões, lembrando-me dos lagartos e das lendas fantásticas do Brasil. Interessa-me verdadeiramente recriar a beleza da fauna, flora, belezas e costumes do país, reviver aquela atmosfera mística e esvoaçante ao pé das grandes montanhas como o Corcovado. Minha terra é vermelha, é de barro, onde descobri um mundo grande e bonito. Agora vivo pintando cor.

— Tem alguns projectos para o futuro?

— Estou a organizar um centro cultural que funcionará basicamente como Escola de Arte, em que a representação portuguesa será considerável.

Barros de Estremoz, das Caldas da Rainha, de Barcelos

América do Sul, Paris, Roma, Milão, Lisboa, onde fiquei fascinado com os azulejos e a arte regional portuguesa.

Vou agora estagiar durante algumas semanas junto dos barristas populares das Caldas, Estremoz e Barcelos, não só para ver mas também para experimentar.

Penso expor em Coimbra, brevemente.

Terei o apoio não só do jornal «Ipanema», que está a desenvolver curiosa actividade cultural, mas também de um programa radiofónico especialmente dedicado às manifestações artísticas portuguesas.

Após o estágio em Estremoz, Barcelos e Caldas da Rainha junto dos Barristas Portugueses — irei estudar um ano na Alemanha e realizar uma exposição de trabalhos em uma das tão bonitas ilhas de São Miguel, Açores.

René Benjamim Lúcio realizou já as seguintes exposições: 1959 — Clube dos Decoradores



GRAVURA DE RENÉ LÚCIO

(trabalhos de gravura, pinturas, desenhos, música (tanto erudita como popular) figurarão ali permanentemente, ao mesmo tempo que se aguarda a presença de artistas portugueses para contactos e conferências.

Desde Julho que trabalho como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Expus nos grandes centros da

do Rio de Janeiro; 1960 — Grupo de Gravadores do I.B.E.U. — Instituto Brasil — Estados Unidos; 1961 — Dois alunos de Ivan Serpa — M.A.M.; 1962 — Grauben e René — M.A.M.; de 1964/66 — Dedicou-se ao ensino da pintura em vários estabelecimentos de ensino de Arte Infantil; 1967 — Centro de Estudos Brasileiros, Buenos Aires — individual; Instituto de Cultura

Uruguio — Brasileiro, Montevideo — individual; Galerie Debret, Paris — individual; Galeria de Arte «Casa do Brasil», Roma — individual; Colectiva de jovens artistas, Milão — 22 trabalhos; 1968 — Galeria Nacional de Arte, Lisboa — individual; de Abril a Junho foi bolsista do Instituto de Cultura Hispânica, para estudar Arte em Madrid; de Julho a Setembro foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar gravura na S. C. G. P. — Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses em Lisboa.

★

A «Revue des Industries d'Art» escreveu o seguinte acerca do nosso entrevistado:

«Um jovem pintor e gravador brasileiro muito dotado, René Benjamim Lúcio, expôs recentemente as suas obras na Galeria Debret, 28 Rue de la Boétie, em Paris.

Eis um artista jovem, ardente, dedicado, que na sua visão directa e sensível, mostra o gosto de uma verdadeira arte universal e contudo essencialmente brasileira, evocando a atmosfera tropical, o misticismo, o folclore, a vida quotidiana deste imenso país, com uma superfície 16 vezes maior que a da França, mas com uma população de 80 milhões de habitantes somente.

Estudando as suas obras, toca-nos a intensidade tão emocionalmente sincera que ele mostra. Tem-se a impressão que ali equilibra-se a vida actual e folclórica. É também evidente que ela pode evoluir na direcção de uma produção madura, profunda e pessoal.

Acrescentamos que ele possui um conhecimento profundo da forma humana e um sentido bem formado do desenho. Sentiu-se neste sensível artista, simpatia e cândida a promessa de um futuro criador de obras de valor na arte escolhida.

É bem possível que de futuro René Lúcio encontre o seu lugar no mundo da ilustração; já começou a trabalhar nesta direcção criando ilustrações para dois livros de jovens poetas brasileiros. O seu estilo e a sua técnica estão admiravelmente adoptadas a este trabalho. O seu sentido muito desenvolvido do mito e da legenda, largamente expressa na maior parte das gravuras expostas, mostra o seu gosto para este género de arte onde a inspiração bíblica e folclórica é importante».

FRESCOS DESCOBERTOS EM BASILEIA

BASILEIA, 6 — Dezanove frescos, alguns de notável qualidade, foram descobertos durante os trabalhos de restauro da Igreja de São Leonardo em Basileia.

O mais antigo dos frescos remonta a 1374. E o mais recente a 1750; Um deles parece ser obra da escola de Conrad Witz, célebre pela sua «pesca milagrosa». — (F. P.).

de Poèmes (1959), por Adrien Cart e M.^{lle} S. Hamel. (37) — Cfr. LA FOI SOUS LA COUPOLE (1930), por Désiré Aubry, onde, de pág. 185 a 190, vêm, acompanhados de datas, os nomes dos académicos eleitos e seus «directores» — saudadores — discursadores, desde 1880 a 1928. (38) — Cfr. O Estado de S. Paulo de 8-VI-1968: art.º de Mário Antunes: Shakespeare no cinema. (39) — Ibid., de 15-VI-1968: art.º do mesmo: Dumas (Filho) no cinema. (40) — Pág. 210 e 211 do vol. 2.º de TEMAS DE CULTURA PORTUGUESA (1965), por Joel Serrão. (41) — Pág. 323 do vol. 3.º de DICTION DES OEUVRES cit. (42) — Pág. 43 de LE THÉÂTRE NOUVEAU EN FRANCE (1966), por Michel Corvin. (43) — Pág. 142 do vol. 2.º de DICTION BIOGRAPH. cit. Mas, na pág. 456 do vol. 10.º de DICTION. UNIVERSEL cit., aduz-se somente que «ele morreu numa decente pobreza». (44) — Pág. 1630 do vol. I (AB a AZ) da Enciclopédia das Enciclopédias — DICIONÁRIO UNIVERSAL PORTUGUÊS ILUSTRADO (1882), editado por Henrique Zeferino de Albuquerque.